

NIILISMO E ÉTICA: A “FILOSOFIA DO NADA” EM SUAS RELAÇÕES COM O AGIR HUMANO

ANTUNES FERREIRA DA SILVA - Mestre em filosofia pela universidade federal da paraíba (UFPB).
Professor de filosofia na faculdade de filosofia, ciências e letras de cajazeiras (FAFIC).
Email: antunnes_ferreira@hotmail.Com

Resumo: Este artigo analisa a fundamentação contemporânea da ética. A Filosofia Clássica (especificamente, as teorias filosóficas de cunho platônico-aristotélico-tomista) defende que está na Metafísica o fundamento da moralidade. Não é possível afirmar, especialmente após o existencialismo e a fenomenologia, que se pode manter esta pretensa fundamentação por parte da Metafísica, que atualmente jaz na descrença à ideia de essência. Após a formulação da ética como puramente descritiva e não prescritiva (segundo Arthur Schopenhauer) e do Niilismo, especificamente com o ideal do super-homem (segundo Friedrich Nietzsche), percebem-se algumas luzes num cenário que se denomina vazio ético. O parâmetro da comunicação (segundo Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas), da responsabilidade (segundo Hans Jonas), e algumas conscientizações (da dignidade da pessoa humana, da interdependência dos povos e da ecologia) surgem, então, como possibilidades de uma fundamentação que transcende o particular a um imperativo ético universalista.

Palavras-chave: Ética. Fundamentação. Niilismo.

Abstract: This article initially aims to analyze the contemporaneous foundation of ethics. Classical Philosophy (specifically, philosophical theories of stamp Platonic-Aristotelian-Thomist) argues that the Metaphysics is in the foundation of morality. It is unknown if these days, especially after the existentialism and the phenomenology, you can still keep this supposed justification on the part of Metaphysics, which currently lies in the rubble of the existence of disbelief over the idea of essence. After formulation of ethics as a discipline purely descriptive, not prescriptive (in Arthur Schopenhauer) and of Nihilism, specifically with the ideal of the superman who breaks every collective bias in detriment of the satisfaction of man evolved, generating a narcissistic individualism (in Friedrich Nietzsche), one sees some lights in a setting that is called ethical vacuum. The parameter of communication (in Karl-Otto Apel and Jürgen Habermas), of responsibility (in Hans Jonas), and some realizations (of human dignity, of the interdependence of people and ecology) then emerge as a possibility of a foundation that transcends the particular and subjective to a universalist ethical imperative.

Keywords: Ethics. Foundation. Nihilism.

I - Introdução

A fundamentação contemporânea da ética é o problema posto que aqui se pretende tratar¹. Nos dias atuais, após o existencialismo e a fenomenologia, ainda se pode manter esta pretensa fundamentação ética por parte da Metafísica? Assim, é mister estudar as contemporâneas possibilidades desta fundamentação.

II - Fundamentação clássica da ética na metafísica

Platão foi o primeiro filósofo a especular metafisicamente sobre a existência de dois mundos distintos e, por vezes, contraditórios. Segundo ele, há um mundo feito de sombras, de “aparências”, revelado ao intelecto humano por meio dos sentidos, e que, por isso, é percebido de modo insatisfatório através das ilusões de mudança e provisoriedade que dele se captam. Este mundo não pode ser real, pois está subjulgado à mutabilidade e, conseqüentemente, ao declínio.

O outro mundo é o mundo das essências, das “formas”. Imutável e permanente, só pode ser alcançado pelo intelecto. Há nesta teoria filosófica, a supervalorização do mundo dito “real” (aquele que é alcançado puramente com o auxílio do intelecto) e a desvalorização do mundo “irreal” (aquele no qual se vive, visto que este é conferido pelos sentidos, que, por sua vez, sempre conduzem ao erro da mutabilidade).

Esta teoria platônica cria as essências, as formas, os modelos a partir dos quais todos os seres com quem se tem contato através dos sentidos são plasmados. Deste modo, a natureza humana não é imanente, mas transcendente, pois tudo de valor está de algum modo além da “realidade”. Tem-se, então, a noção de natureza (essência) que está igualmente “além” das vivências cotidianas, portanto, metafísica e que, por sua vez, deve fundamentar as ações humanas.

Em outras palavras, o “ser” (postulado essencialmente pela Metafísica da Ontologia²) é o fundamento das ações humanas neste plano de realidade que, na verdade, é mera cópia do plano “além”.

Percebe-se nas palavras de Jolivet o argumento daqueles que defendem tal fundamentação metafísica da ética:

¹ Duas ressalvas se tornam importantes neste estudo, denominamos “Filosofia Clássica” as teorias filosóficas de cunho platônico-aristotélico-tomista, especialmente a corrente filosófica seguida pela Igreja Católica Apostólica Romana. Não obstante, a distinção moderna entre os termos moral e ética, os usaremos, em algumas vezes neste texto, com o mesmo sentido, reproduzindo o mesmo entendimento antigo desta questão que não enxergava ainda a diferença entre ambos.

² Expressão usada incorretamente. Entretanto, justifica-se o seu uso pelo fato de não ser aqui relevante a diferenciação entre ambas, visto que foi criada bem posteriormente ao tempo no qual esta questão é neste texto abordada.

*As leis morais estão em função da natureza do homem. Se a Moral é a ciência da conduta moral do homem, como poderiam formular as leis desta conduta sem refletir, ao menos implicitamente, à natureza do homem?*³.

É do conhecimento da natureza do homem que se pode, segundo o ponto de vista da Filosofia Clássica, deduzir os princípios mais gerais da conduta humana. Jolivet reafirma:

O conhecimento do homem, aqui, deve ser o de sua realidade profunda, de sua *essência*, e de sua *natureza*, de sua *origem* e de seu *destino*, o que quer dizer que é de ordem metafísica. [...] O papel da Moral será, portanto, a partir deste juízo universal sobre o bem e o dever do homem, o de *deduzir os deveres particulares da conduta humana, tanto individual como social*⁴.

Contraditoriamente a estes argumentos, Immanuel Kant, filósofo alemão do século XVIII, interessado nos limites do conhecimento, acabou fazendo uma revelação que mudaria definitivamente a pretensão da Metafísica em fundamentar a ética. Em seu livro intitulado *Crítica da Razão Pura*, ele afirmou que não se pode conhecer o mundo como ele é “em si”. Deste modo, Kant nega a teoria platônica de que o mundo ideal só pode ser alcançado pelo intelecto, porque, segundo Kant, o mundo das formas é incognoscível, ou seja, “[...] ele existe, mas está para sempre fora do alcance”⁵.

Se, portanto, o mundo real é mesmo aquele no qual se vive e não aquele que era postulado como “além”, não pode ser neste “além” onde se podem fundamentar as ações humanas, mas tão somente neste mundo real no qual nos inserimos. A Metafísica, pois, perde seu status de fundante da ética.

Além do já exposto, Lauxen⁶ argumenta também que o tipo de entendimento escolástico de Metafísica (Ontologia) em consonância com o conceito de substância imutável, eterna e uma, se torna completamente oposta ao agir humano, caracterizado pelo extremo oposto da contraditoriedade, mutabilidade, fato que corroboraria com a ideia de que não cabe à Metafísica (pelo menos à Ontologia de substância) a fundamentação da ética.

Longe de resolver o problema, com esta constatação cria-se um problema ainda maior: se não se pode fundar a ética na ontologia, onde encontrar as bases que lhe alicerçam? Aqui, tenta-se analisar a possibilidade deste fundamento que, nos dias atuais, está baseado muito mais da mutabilidade e na contraditoriedade e, portanto, naquela corrente que se denomina Niilismo, ou “filosofia do nada”.

III - O surgimento da “filosofia do nada” (niilismo)

A idade contemporânea se destaca como a época na qual o Niilismo é mais fortemente postulado.

³ JOLIVET, R. *Curso de filosofia*, p. 350, grifos do autor.

⁴ JOLIVET, R. *Curso de filosofia*, p. 351, grifos do autor.

⁵ ATKINSON, S. *O livro da filosofia*, p. 220.

⁶ Cf. LAUXEN, R.R. *É necessária a metafísica para fundamentar o agir humano? A resposta de Paul Ricoeur*, p. 94.

Entretanto, a teoria em si não é tão jovem, pois retoma aos primórdios da Filosofia, especificamente a partir do filósofo sofista⁷ Górgias (485 a.C. a 380 a.C.). Em sua teoria em defesa da existência no nada, ele elenca quatro argumentos basilares de niilismo: I – nada existe; II – se existe, não pode ser inteligível; III – se inteligível, é não comunicável; IV – se comunicável, é não compreendido. Concluindo: o ser não pode ser fundamentado sob nenhum aspecto. Deste modo, inaugura-se a “filosofia do nada” – o niilismo.

O termo “niilismo” reporta à época da Revolução Francesa, especificamente por meio do escritor russo Turgueniev. No meio filosófico foi empregado por Friedrich Schlegel, Johann Fichte e Friedrich Hegel. Mas é após a teoria de Friedrich Nietzsche que a “filosofia do nada” ganha seu entendimento contemporâneo.

De certo modo, o niilismo filosófico contemporâneo retoma, em decorrência talvez da formulação da teoria do caos e em contrapartida às teorias cosmológicas da antiguidade grega e cristã católica, a revelação da ausência de fundamento e verdade às coisas em si. Torna-se mola propulsora da inovação, da quebra de valores e desmistificação de muitas teorias tidas como “verdadeiras”.

O mais alto grau da reflexão filosófica sobre o niilismo é atingido a partir das teorias nietzschianas, que, por sua vez, influenciam outros filósofos como Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Emil Cioran.

Não se pode esquecer o tom niilista da filosofia voluntarista de Arthur Schopenhauer, que, não intencionalmente, começa e conclui sua obra magna *O mundo como vontade e como representação* afirmando que “o mundo é o nada”.

O niilismo renega qualquer valor metafísico e redireciona sua atividade teórica para a destruição da moral, levando todas as coisas ao vazio, retirando da vida qualquer sentido extraterreno (como defendiam platônicos e, posteriormente, cristãos). Vê-se, pois, um embate entre: I – o Ser (defendido pela Ontologia platônica e adorado por cristãos como “deus”) entendido como a essência e a fonte da verdadeira realidade de tudo o que existe neste plano material apenas enquanto sua manifestação; e II – o Existir (defendido por materialistas, niilistas, existencialistas, pela fenomenologia, dentre outros) para os quais toda e qualquer fundamentação extraterrena é simplesmente vã e infundada. Em outros termos, temos o embate entre essência e existência, entre o Ser e o Nada, para o qual se afigura a vitória, nos tempos da Filosofia atual, da existência e do nada em detrimento da essência e do ser.

Como já não é possível postular um “além” que fundamente e legitime as ações humanas, se faz necessário criar este fundamento. Neste sentido, o niilismo não é só uma teoria de destruição propriamente dita, mas também uma vertente de reformulação, de reconstrução, no sentido de fornecer ao homem a possibilidade de criar seus próprios valores, de certo, munido de suas experiências

⁷ A expressão “filósofo sofista” aqui é usada no moderno entendimento de que os sofistas também são filósofos, o que rompe a tradição platônico-aristotélica de associar sofisma à falácia e ao erro em virtude do modo divergente com o qual os sofistas “faziam” filosofia, a saber: cobrando pela transmissão dos saberes filosóficos, o que, na época, foi tido como agravante do erro de sua filosofia de cunho retórico.

existenciais e materiais. Nesta criação reside a análise do agir contemporânea.

IV - A filosofia do nada e a ética: Schopenhauer (ética não-prescritiva) e Nietzsche (ideal do super-homem)

A ética fundada na ideia de um “além”, das essências, no campo da imutabilidade, não pode ser entendida a não ser como uma ciência prescritiva, ou seja, aquela que prescreve qual o modo das ações humanas. Assim, podemos perceber que toda teoria ética clássica (socrática, platônica, aristotélica, epicurista, hedonista, entre outras) tende a mostrar aos homens de sua época o modo mais certo de ação em conformidade com sua concepção ideal das essências imutáveis que, por sua vez, estavam no “além”. Em outras palavras, uma determinação direta do agir humano.

Uma vez que se postulou que esse “além” não pode ser mantido como verdadeiro, a ética perde seu sentido prescritivo para ganhar um entendimento puramente de ciência normativa, ou seja, não mais prescreve o modo como as pessoas pensam ou se comportam, mas o modo como as pessoas devem pensar ou se comportar, sendo, pois, uma ética de criação de modelos, ou no entendimento da filosofia kantiana, uma “ética do dever”.

Diferentemente das abordagens éticas descritas anteriormente, Schopenhauer não pretende prescrever boas ações, mas investigar a base de toda boa-ação moral. Ora, sendo o “em-si” (no caso schopenhaueriano especificamente denominado “Vontade”) livre, uma ética prescritiva é tão pouco eficaz quanto uma estética normativa. Assim como esta não forma o gênio, aquela não forma o homem bom. Segue-se, então, que a ética schopenhaueriana, diferentemente das formulações anteriores e contemporâneas à sua, é meramente descritiva⁸, pois investiga o solo da boa ação, sem jamais a ensinar⁹. Nas palavras do próprio filósofo:

Uma moral sem fundação, portanto um simples moralizar, não pode fazer efeito, pois não motiva. Uma moral, entretanto, QUE motiva, só pode fazê-lo atuando sobre o amor próprio. O que, entretanto, nasce daí não tem valor moral algum. Segue-se assim que, mediante moral e conhecimento abstrato em geral, nenhuma virtude autêntica pode fazer efeito, mas esta tem de brotar do conhecimento intuitivo, o qual reconhece no outro indivíduo e mesma essência que a própria. Pois a virtude de fato provém do conhecimento, porém não do conhecimento abstrato, comunicável em palavras. Se fosse este o caso, poderia ser ensinada e, desse modo, ao expressarmos aqui a sua essência e o conhecimento que está em seu fundamento teríamos eticamente melhorado todo aquele que nos tivesse compreendido¹⁰.

⁸ Uma crítica constantemente feita a Schopenhauer é que suas teorias éticas nunca chegaram a orientar sua práxis. Entretanto, o discurso ético schopenhaueriano é meramente reflexivo, acontece sempre na observação e não tem intenção de determinar nenhuma práxis, pois cabe à Filosofia apenas descrever a realidade, jamais prescrever o que quer que seja (cf. CARDOSO, 2008, p. 105).

⁹ Cf. BARBOZA, J. *Schopenhauer*, p. 43.

¹⁰ SCHOPENHAUER, A. MVR I § 66, p. 468.

Vê-se, pois, que a ética é aqui entendida não como uma questão de dever nem de obrigação, mas de observar o mundo com a perspectiva correta. Em outros termos, a postulação ética schopenhaueriana consiste numa ética não interessada em recompensas, como prega o Cristianismo, e não se caracteriza pela sustentação de nenhum dever absoluto ou princípio moral universal, não sendo, pois, uma teoria de deveres, nem uma ética de prescrições¹¹, tendo em vista que querer determinar uma ética prescritiva seria “[...] tão tolo quanto inócuo, pois a Vontade em si é absolutamente livre e se determina por inteiro a si mesma, não havendo lei alguma para ela”¹².

Fortemente influenciado pela leitura de Schopenhauer, o filósofo Nietzsche se destaca, conforme já mencionado anteriormente, como o principal teórico do nihilismo contemporâneo. O princípio de ruptura entre ele e Schopenhauer se dá quando este postula que o meio mais adequado de se lidar com a vida terrena, caracterizada por uma cadeia de aspirações infundadas que leva o ser humano ao constante e inevitável sofrimento, é anulando-se, desejando não desejar. Schopenhauer utiliza o termo latino *noluntas* (negação de si mesmo) como o mais adequado a ser empregado a este estado de espírito.

Em contrapartida a esta teoria da negação, Nietzsche postula a afirmação da vontade de viver e o autodomínio como mecanismos de dominação dos mais fracos. São claramente perceptíveis traços de evolucionismo¹³ nesta filosofia da autoafirmação, quando se afirma o ideal do super-homem como modelo das ações humanas. Nas palavras de Durant:

NIETZSCHE ERA FILHO de Darwin [...]: se vida é uma luta pela existência na qual os mais capazes sobrevivem, então a luta é a virtude máxima, e a fraqueza o único defeito. *Bom* é aquilo que sobrevive, que vence; *mau* é aquilo que cede e fracassa¹⁴.

A afirmação de uma filosofia de cunho evolucionista pode ser percebida na seguinte afirmação do próprio Nietzsche: “por acaso, não seria o homem simplesmente a evolução da pedra por intermédio da planta, do animal?” (2005, p. 61). Em decorrência de tal concepção filosófica, nesta ética, em específico, valorizam-se os aspectos da força, do orgulho, da inteligência resoluta, ao contrário da bondade, da humildade, do altruísmo, pregações cristãs que, por este tender a equilibrar e corrigir as tendências humanas, foram atacadas tão veementemente pelo filósofo. A modernidade devia resolver seus problemas não por convencimentos, votos e caridade, nem como propunha Schopenhauer, de quem Nietzsche foi leitor por um bom tempo, com a negação da Vontade, mas pelo sangue e pelo ferro,

¹¹ Cf. MONTEIRO, F. *10 lições sobre Schopenhauer*, p. 50.

¹² SCHOPENHAUER, A. MVR I § 54, p. 370.

¹³ O pensamento de Nietzsche não é propriamente evolucionista, se entendermos que o evolucionismo é sinônimo de darwinismo, uma vez que Nietzsche se mostrava contrário ao darwinismo. Nietzsche aponta para uma maior concordância com o lamarckismo, embora tal concordância não seja também tão explícita. Smith afirma que “o filósofo alemão, ao interpretar de modo errado a teoria da evolução de Darwin, foi darwinista sem o saber” (cf. Smith, 1987, p. 68). Embora Denett (1998) tenha considerado a *Genealogia da moral* como “uma das primeiras e mais sutis investigações darwinistas sobre a evolução da moral”, os escritos do próprio Nietzsche nos quais podemos fundamentar tais afirmações são aqueles que ele escrevia em forma de cadernos de anotações nos quais havia, além de novas ideias, também algumas reflexões, rascunhos ou trechos de textos de outros autores, etc., que foram publicados postumamente e são chamados de fragmentos póstumos.

¹⁴ DURANT, W. *A história da filosofia*, p. 371, grifos do autor.

pois “[...] a mais forte e mais nobre Vontade de Viver [...] encontra expressão [...] numa Vontade de Guerra, uma Vontade de Poder, uma Vontade de Dominar”¹⁵ e:

A melhor coisa do homem é a força de vontade, o poder e a permanência da paixão; sem paixão, a pessoa vira leite, incapaz de façanhas. Ganância, inveja, até mesmo ódio são artigos indispensáveis para o processo de luta, seleção e sobrevivência¹⁶.

Deste modo, esta ética fundamentalmente biológica está voltada para o julgamento de acordo com o seu valor para a vida, aqui não entendida como coletividade, mas como seleção dos melhores. Em outras palavras, uma fisiológica transposição de todos os valores, na qual a meta do esforço humano é o desenvolvimento dos melhores e mais fortes indivíduos e não a elevação de todos¹⁷.

Com a elevação do indivíduo acima dos interesses coletivos e sociais, Nietzsche cria uma ética fundada no domínio de um personagem ao qual chamou de *super-homem*.

V - Nilismo e ética contemporânea

Esta formulação nietzschiana denota a ausência de sentido das anteriores fundamentações éticas, quase todas fundadas no campo metafísico-religioso. Em outras palavras, com a fundação do niilismo, as demais referências ou normas de obrigação se dissipam e os valores superiores se depreciam¹⁸. Jacqueline Russ afirma: “niilista, nosso fim de século é igualmente marcado pela morte das ideologias e das grandes narrativas totalizantes, morte na qual se enraíza a ética do futuro”¹⁹.

A principal marca²⁰ do individualismo (niilismo) nietzschiano ressoa nos dias atuais.

A contemporaneidade vive diversos paradoxos, entre eles, destaca-se a incomunicabilidade em plena época dos meios de comunicação de massa. Cada vez com mais recursos tecnológicos de comunicação, menos as pessoas se comunicam. Quanto mais as pessoas estão conectadas virtualmente às outras, menos contato físico se mantém entre ambas. Fato marcado também pela completa indiferença para com qualquer questão social, a exemplo das inúmeras questões políticas que parecem não mais afetar aos indivíduos que, indiferentes ao problema, o tratam como se não tivessem nada a ver com a problemática. O individualismo contemporâneo possui característica bastante peculiar: o indiferentismo social.

¹⁵ Nietzsche *apud* DURANT, W. *A história da filosofia*, p. 375.

¹⁶ DURANT, W. *A história da filosofia*, p. 389.

¹⁷ Cf. DURANT, W. *A história da filosofia*, p. 390-391.

¹⁸ Cf. RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*, p. 10.

¹⁹ RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*, p. 11.

²⁰ Aqui, preocupamo-nos em não ligar, necessariamente, uma tendência atual como consequência direta de um postulado filosófico, como facilmente poderíamos vincular o individualismo moderno à teoria individualista de Nietzsche. Entretanto, gostaríamos de ressaltar que esta vinculação pode ser teoricamente feita, mas sem vínculo de consequência necessária e concretizada.

Destaca-se, pois, um novo modelo de individualismo, o narcísico. Ou seja, “[...] a realização de indivíduos estranhos às disciplinas, às regras, aos constrangimentos diversos, às uniformizações”²¹, não mais interessados com o triunfo da individualidade em face da opressão de regras impostas, como outrora surgiu o individualismo, entendido pois como ulterior à autonomia, à explosão hedonista e à simples conquista da liberdade, uma vez que tudo isto já está, de certo modo, conquistado e consolidado. Um individualismo que decreta a inoperância das morais tradicionais.

A falência dos sentidos (axiologicamente falando), o triunfo de um novo modo de individualismo, o aparecimento de novas tecnologias que supervalorizam os poderes do humano em detrimento aos poderes da natureza, o desaparecimento do fundamento das referências tradicionais éticas, por sua vez fundadas na Metafísica, quase que completamente desacreditada pela contemporaneidade, abalam a ética em seu ponto de partida, deixando a atualidade sem as bases, sem o essencial.

Fala-se, pois, num seio de deslegitimação²² na qual restou a incerteza, o vazio ético, ou seja, a elaboração de uma ética que deixou explicitamente de buscar seus fundamentos na transcendência²³. Consequentemente, surge a necessidade de uma nova busca axiológica. Segundo Russ,

Eis chegado o momento do indivíduo narcísico. [...] Se o individualismo moderno, longe de ser virtude e autonomia, significa passividade, e até apatia, ‘estilo cool’ e descontraído, então se põe, para o ético, a questão: que é que, nas nossas sociedades democráticas avançadas, pode se tornar fator de universalização? Na era dos homens ‘vazios’, voltados às escolhas privadas, e narcisistas, é possível redescobrir uma macroética, válida para a humanidade no seu conjunto?²⁴.

Todos os fatos, anteriormente narrados, conduzem a uma transformação da consciência moral comum e dos princípios normativos da sociedade, ou seja, uma reformulação ética em torno de novos princípios e uma nova teoria da responsabilidade, diante de uma anarquia individual pela supremacia dos valores próprios, numa espécie de disputa entre o bem coletivo e o bem individual.

VI - Conclusão

Percebe-se, pois, a urgente necessidade de se repensar as raízes éticas. Entretanto, paradoxalmente, parece que não se pode encontrar mais, numa sociedade altamente individualista e apática, fundamentos para a criação de uma moral com tons universais. Estaríamos, pois, no crepúsculo ou na aurora de um novo paradigma ético?

A questão é demasiadamente complexa e, possivelmente, ainda sem resposta, não obstante já existam luzes: o ressurgimento do princípio da comunicação e algumas tendências atuais que podem

²¹ RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*, p. 15.

²² Recorde-se que, na Idade Moderna, umas das principais questões filosóficas mudou o foco do problema da verdade para as questões de legitimidade das teorias. Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant são expoentes dessa mudança de perspectiva.

²³ Cf. ÁVILA, F.B. *Folhas de outono: ética e valores*, p. 87.

²⁴ RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*, p. 15

apontar a este paradigma em formação.

Nesta contemporaneidade narcisista e individualista, adquire forte sentido o princípio da comunicação, haja visto que dela dificilmente conseguimos nos apartar. Sendo assim, algumas luzes são atualmente propostas como princípio de uma grande discussão axiológica: a macroética linguística pensada por Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas e a ética da responsabilidade proposta por Hans Jonas.

Três tendências atuais de conscientizações merecem destaque: 1- da dignidade da pessoa humana; 2- da interdependência entre os povos; e 3- preocupação ecológica. Entretanto, reforça-se que estas são tendências ainda em estado de *germe* e ainda, de certo modo, desprovidas de ordem e resultados pragmáticos confirmados.

“Do parcelar, do particular, do subjetivo a um imperativo, universalista, tal é o sentido (um dos sentidos) do movimento ético contemporâneo”²⁵.

²⁵ RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*, p. 16.

REFERÊNCIAS

APEL, Karl-Otto. **Estudos de moral moderna**. Tradução Benno Dischinger. Petrópolis: Vozes, 1994.

ATKINSON, Sam (Ed.). **O livro da filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Folhas de outono: ética e valores**. São Paulo: Loyola, 2001.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a dissolução da moral**. 2. ed. São Paulo: Discurso; Injuí: Uninjuí, 2003. (Sendas e veredas).

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Renato César. **A ideia de justiça em Schopenhauer**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

DENNET, D. C. **A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida**. Tradução T. M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DURANT, Will. **A história da filosofia**. Tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. “A construção da oposição entre Lamarck e Darwin e a vinculação de Nietzsche ao eugenismo”. In: **Scientiae studia**, n. 4, São Paulo, 2011, vol. 9, p. 791-820. ISSN 1678-3166.

JOLIVET, Régis. **Curso de filosofia**. Tradução Eduardo Prado de Mendonça. 20. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LAUXEN, Roberto Roque. “É necessária a metafísica para fundamentar o agir humano? A resposta de Paul Ricoeur”. In: **Metafísica & ética: o fundamento em questão**. (Org.) VEIGA, Bernardo; MARTINS, Jasson; PORTELLA, Sergio. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010, pp. 93-114.

MARQUES, Antonio. **A filosofia perspectivista de Nietzsche**. São Paulo: Discurso; Injuí: Uninjuí, 2003. (Sendas e veredas).

MONTEIRO, Fernando. **10 lições sobre Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Escritos sobre história**. Tradução N. C. Melo Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2005.

PECORARO, Rossano. **Os filósofos clássicos da filosofia: de Kant a Popper**. Petrópolis, Vozes, 2008. (Coleção Os Filósofos Clássicos da Filosofia, vol. 2).

_____. **Nilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Nilismo e pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2005.

RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. “Nietzsche e a ciência: do Romantismo ao novo esclarecimento (Aufklärung)”. In: **Artefilosofia**, n. 11, Ouro Preto, UFOP, 2011, p. 127-143.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: de Nietzsche à escola de Frankfurt**. Tradução Ivo Storniolo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção História da Filosofia, vol. 6).

RICHTER, C. **Nietzsche et les theories biologiques contemporaines**. 2. ed. Paris: Mercure de France, 1911.

RUSS, Jacuqueline. **Pensamento ético contemporâneo**. 4. ed. Tradução Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução Jair Borboza. São Paulo: UNESP, 2005.

SIMMEL, George. **Schopenhauer & Nietzsche**. Tradução César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SMITH, C. U. M. “Cleverbeats who invented knowing: Nietzsche’s evolutionary biology of knowledge”. In: **Biol. Phil**, n. 1, 1987, vol. 2, p. 65-91.

SPINOZA. **Ética**. 2. ed. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VEIGA, Bernardo; MARTINS, Jasson; PORTELLA, Sergio. **Metafísica & ética: o fundamento em questão**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.